

O Progresso Catholico

«... sequor autem, si quo modo
comprehendam...»

AD PHILIP. 3, 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

«... ad ea quæ sunt priora extendens meipsum
ad destinatum persequor, ad bravium
triumphi Ecclesie... in Christo Jesu.»

AD PHILIP. 13, 14.

SUMMARIO: — *Carta do Santo Padre sobre os congressos e associações eucharisticas*; — *Carta Pastoral de Sua Eminencia o Senhor Cardeal Bispo do Porto*. — SECÇÃO CRITICA: *Lourdes em presença*, pelo ex.^{mo} sr. A. S. F.; — *As missões*, pelo ex.^{mo} sr. S. M. — SECÇÃO HISTORICA: *Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus*, pelo rev.^{mo} sr. Padre João Vieira Neves Castro da Cruz; — *Memoria sobre a instituição, reforma e restauração do Seminario episcopal de Limgo*. — SECÇÃO LITTERARIA: *O Natal de Jesus* (inédita), pelo ex.^{mo} sr. Rangel de Quadros; — *A' morte de meu pae*, pelo ex.^{mo} sr. A. Moreira Ballo — SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA. — SECÇÃO ILUSTRADA: *Interior da synagoga*; — *A Natividade de Nosso Senhor*. — RETROSPECTO. — INDICE.

Gravuras: *Interior da synagoga*; — *A Natividade de Nosso Senhor*.



INTERIOR DA SYNAGOGA

Carta do Santo Padre

Sobre os congressos e associações eucharísticas

LEÃO XIII, PAPA

Ad perpetuam rei memoriam

DEU'S de toda a providencia, organisando o mundo com mão forte e suave ao mesmo tempo, redeou a sua Igreja d'uma sollicitude especial, de tal fórma que nos momentos que pareçam mais criticos, Elle tira para ella, da propria dureza dos tempos, consolações inesperadas. Este facto, muitas vezes verificado, talvez possa ser mais que nunca notado nas circumstancias que atravessam actualmente a religião e a sociedade. E' quando, com effeito, os inimigos da ordem commum, mostrando se dia a dia mais audaciosos, se esforcam, por ataques quotidianos e mui vigorosos, por matar a fé christã e perturbar toda a sociedade, que a bondade divina se compraz em oppôr a estas ondas encapelladas as barreiras d'admiraveis manifestações de piedade.

Isto está claramente provado pela extensão que tomou a devoção do Santissimo Coração de Jesus; pelo ardor com que, em todo o universo, se trabalha em promover o culto de Maria; pelas honras de que é objecto o illustre esposo da Mãe de Deus; pelas reuniões de diversos generos que os catholicos organisam para defenderem por todas as formas a sua fé; emfim, por muitas instituições que se fundam ou ás quaes se dá novo impulso, e que tendem á gloria de Deus, ou ao augmento da caridade mutua dos christãos.

Se bem que todas estas manifestações causam ao Nosso coração uma dôce alegria, pensamos que a soberana graça que nos foi concedida por Deus, consiste nos progressos que a devoção para com o Sacramento da Eucharistia tem feito entre os povos fieis, após congressos celebres que, com este fim, se realisaram ha pouco tempo. Porisso, como declaramos, para animar os catholicos a professarem vigorosamente a sua fé e a praticarem as virtudes que convém aos christãos, nenhum meio é mais efficaç do que aquelle que consiste em sustentar e augmentar a piedade do povo para com esta admiravel prova d'amor que é o laço da paz e da unidade.

Como o assumpto é importantissimo e o temos muito a peito, depois de termos muitas vezes louvado os congressos e as associações eucharísticas, e levado pela esperanza de os vêrmos produzir mais abundantes fructos, julgamos agora util designar-lhes um pa-

dreiro celeste, escolhido entre os santos que se abrazaram d'um mais ardente amor para com o Santissimo Sacramento da Eucharistia.

Ora, entre aquelles cuja piedade para com este sublime mysterio da fé pareceu manifestar-se com fervor mais ardente, Paschoal Baylão occupa o primeiro lugar. Dotado naturalmente d'um gosto muito vivo pelas coisas celestes, depois de ter santamente passado a sua juventude na guarda do seu rebanho, abraçou uma vida mais severa na Ordem dos Frades Menores da estricte observancia, e mereceu, por suas meditações sobre o festim eucharistico, adquirir a sciencia relativa a este ultimo, a ponto que este homem desprovido de noções e de aptidões litterarias, tornou-se erudito nas respostas ás mais difficeis materias da fé e capaz d'escrever livros piedosos.

Publicamente, abertamente professou no meio dos hereticos a verdade da Eucharistia, o que lhe trouxe graves provações. Emulo do martyr Tarcisius, foi ameaçado algumas vezes da morte que foi o quinhão d'este ultimo. Emfim, o effectuoso ardor da sua piedade pareceu prolongar-se além da sua vida mortal. Diz-se, com effeito, que, durante os seus funeraes, estendido na esquite, Paschoal Baylão, no momento das duas elevações, abriu duas vezes os olhos.

Crêmos, pois, que as associações catholicas de que fallamos não pediam ser confiadas a melhor padroeiro. Eis porque, assim como recommendamos, muito naturalmente, a juventude estudiosa a S. Thomaz d'Aquino, as associações de caridade a S. Vicente de Paulo, os doentes, assim como aquelles que se dedicam ao seu serviço, a S. Camillo de Lellis e a S. João de Deus; assim tambem, esperando que a Nossa decisão reverterá em interesse e bem da christandade, declaramos e constituimos, por Nossa auctoridade suprema, e por virtude das presentes Lettras, S. Paschoal Baylão padroeiro particular dos congressos eucharísticos e de todas as associações que tenham por fim a divina Eucharistia, tanto das que já estão constituídas como das que o forem no futuro.

Fazemos votos cheios de confiança para que os exemplos e o patrocinio d'este santo tenham por fructo o augmento do numero d'aquelles que, no povo christão, dão cada dia o seu zelo, os seus desejos, o seu amor a Christo Salvador, principio mais elevado e mais augusto de toda a salvação.

As presentes Lettras conservarão a sua validade nos tempos futuros, não obstante tudo o que possa ser feito em contrario por quem quer que seja.

Queremos que os exemplares copia-

dos ou mesmo impressos d'estas Lettras, comtanto que sejam assignados pela mão do Nosso notario e munidos do Nosso sello por uma personagem constituida em dignidade ecclesiastica, façam fé como se fossem as Lettras presentes.

Dada em Roma, junto de S. Pedro, sob o Anel do Pescador, a 28 de novembro de 1877, vigessimo anno do Nosso Pontificado.

D. AMERICO, Cardeal Presbytero da Santa Igreja de Roma, Ferreira dos Santos Silva, do Título dos Quatro Santos Coroados, por graça de Deus e mercê da Santa Sé Apostolica Bispo do Porto, do Conselho de Sua Magestade Fidelissima, Bar do Reino, Grã-Cruz da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, e Commendador da de Christo, etc.

Ao Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Cabido, Reverendos Parochos, Clero e mais Fieis d'esta Nossa Diocese, Saude, Paz e Benção em Jesus Christo Nosso Senhor e Salvador.

TEMPO é já, caros Diocesanos, de dar-vos conta das vossas ofertas para o Dinheiro de S. Pedro no anno findo, e de vos manifestar Nosso agradecimento por ellas, e tanto mais fervoroso, porque antes de chegarem a Roma, como auxilio ao Papa, prestaram na Diocese extraordinario beneficio ao Bispo.

Posteriormente á Nossa Carta Pastoral de 10 de Novembro do anno passado, aprouve a Deus visitar-Nos com dolorosos soffrimentos que resignado aceitamos, não como experiencia de virtudes que não temos, senão como expiação de faltas em que abundamos. Mas, por mercê de Deus, nem a luz se Nos amorteceu no espirito, nem arrefeceram no coração os affectos, e por entre fraquezas e dôres trabalhamos e provemos sempre, quanto podemos, no serviço e a bem da Diocese, que tanto amamos.

Devidas, porém, ou a mera liberalidade da Misericordia Divina, ou a meritos d'almas piedosas que por Nós pedissem ao Senhor, não Nos faltaram a par dos soffrimentos consolações d'alma para allivio de Nossas maguas e lenitivo de Nossas dôres; e entre essas consolações avulta, caros Diocesanos, a que vós Nos destes com vossos donativos para a obra do Dinheiro de S. Pedro, pois que ao Nosso fervor em

recommenda-a correspondeu o vosso zelo em protegê-la.

E nada tão consolador para a alma do Prelado, como a sincera dedicação de seus subditos, manifestada na atenção com que o ouvem, e na confiança com que o seguem.

Acceitae, pois, caríssimos Diocesanos, a par do mais acrisolado dos Nossos effectos, o mais caloroso dos Nossos agradecimentos.

Mas não seja sómente a vossa dedicação a Nós o que vos mova: meditae um pouco na penosa situação do Pontífice, e sentireis nascer cu augmentar no coração o desejo, e talvez, na consciencia o dever de cooperardes para tão santa obra. Meditae ainda e reconhecereis talvez, que Jesus Christo velando do alto pelo seu Vigário, vos inspira aquelles sentimentos, e, com merito e proveito moral vosso, d'elles se serve para levar-lhe consolações e auxilios.

Sabido é que ao Supremo Chefe da Igreja, violentamente espoliado dos seus Estados, taxaram os espoliadores certa compensação em dinheiro, tentando assim a dignidade do homem e a consciencia do Pontífice. Repelliua, porém, com a energia dos fortes e com a fortaleza dos crentes, mostrando ao mundo que podiam fazer d'Elle um martyr com gloria, mas nunca um vendilhão com infamia. E resignado na sua pobreza esperou com suprema confiança que da bondade e justiça de Deus lhe viria opportuno remedio contra a injustiça dos homens.

E veio.

Medindo a força das instituições divinas pela das fundações humanas, julgaram os espoliadores que arrancada a Coroa de Rei, ficaria sem vigor e sem brilho a Thiara de Pontífice, e cahiria por terra o que se dizia columna e firmamento da verdade—e todavia nunca a Thiara brilheu mais do que brilha hoje na cabeça de Leão XIII, e no mais violento da tempestade nem a columna oscilou na base, nem deixou de fulgurar no vertice o facho, collocado por Deus para illuminar o mundo.

Cuidaram que ferido o Pastor se lhe dispersaria o rebanho—e nunca este se concentrou tanto, pois que de perto e de longe acodem a Roma peregrinações numerosas a acercarem-se do seu Pastor, e a protestarem fidelidade e amor.

Pensaram que á pobreza do Papa succederia por mingua de recursos a desorganisação da Igreja—e eis que se forma em todo o mundo catholico uma cruzada para levar ao Vigário de Christo os possiveis auxilios.

Meditae, caros Diocesanos, sobre todos estes acontecimentos e descobri-

reis por entre elles o dede de Deus a mostrar que contra os planos divinos nada podem os calculos e projectos humanos.

A'quella cruzada vos tendes, desde ha muito, associado, e aos pés do Santo Padre temos deposto annualmente as vossas offertas. Pequenas sempre para o muito que desejaes, são por vezes grandes para o pouco que podeis, attentas as difficuldades do tempo.

O affecto, o reconhecimento e as benções com que recebem as do anno findo, não sejamos Nós, seja Elle mesmo que vol-o diga, como diz, na seguinte carta a Nós dirigida:

LEO PP. XIII

Dilecte Fili Noster, salutem et apostolicam benedictionem

Officium diocesis tuae in patriana stipe offerenda haud parum duximus, tum quod voluntates catholicorum istorum Nobis et Apostolicae Sedi distincto testaretur, tum quod constans demonstraret in vobis vigere studium angustias Nostras pro modo ac viribus levandi. Sane ea est temporum iniquitas ut Nobis in dies magis fidelium largitati confidere opus sit; eoque amplius conditione: Nostram querimus quod Ecclesiarum quotidie augentur necessitates, quibus a Christi Vicario paternam caritatem est consulendum. Tibi igitur, Dilecte Fili Noster, fidelibusque universis diocesis tuae gratias pro merito agimus; easque ut etiam referamus, omnibus qui contulere stipem, Tibique in primis, munerum coelestium uberitatem appreciamur; benevolentiae autem Nostrae pignus apostolicam benedictionem amantissimo impertimus.

Datum Romae apud Sanctum Petrum die IX Junii MDCCCXCVII, Pontificatus Nostri anno vicesimo.

LEO PP. XIII.

LEÃO XIII, PAPA

Dilecto Filho Nosso, saúde e benção apostolica

Em muito apreço tivemos a homenagem da tua Diocese, offerecendo-Nos sua collecta para o Dinheiro de S. Pedro, não só porque dava testemunho da firme adhesão d'estes catholicos a Nós e á Cadeira Apostolica, mas tambem por que demonstrava existir em vós constante e vigoroso desjo de alliviar, quanto possível, as Nossas angustias. Na verdade é tal a iniquidade dos tempos, que sentimos cada vez mais a necessidade de pôr Nossa confiança na liberalidade dos fiéis; e lamentamos a nossa situação tanto mais, porque dia a dia augmentam as necessidades das Igrejas a que Nos cumpre, como Vigário de Christo, occorrer com paternal caridade. A ti, portanto, e a todos os fiéis da tua Diocese damos os merecidos agradecimentos; e a fim de tambem retribuirmos para todos que contribuíram para a dita collecta, e para ti, principalmente, pedimos a Deus a abundancia dos dons celestes; como pñhor, porém, da Nossa benevolencia vos concedemos amorosissimamente a benção apostolica.

Dada em Roma junto de S. Pedro em 9 de Junho de 1897, anno vigesimo do Nosso Pontificado.

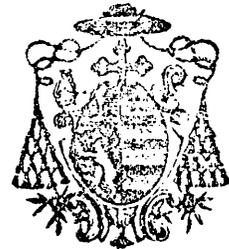
(assignado) LEAO XIII, PAPA.

Na firme esperanza de que as orações do Santo Padre obterão de Deus, em compensação do que lhe daes, o augmento do que vos fica, e confiando plenamente na vossa devoção e piedade declaramos aberta n'esta Diocese a

collecta para o Dinheiro de S. Pedro no corrente anno de 1897, e solicitando de novo as offertas de todos os Nossos Diocesanos, pedimos tambem aos Reverendissimos Vigários da Vara e Reverendos Parochos Nos façam a mercê de mandarem entregar na Camara Ecclesiastica até ao fim do proximo mez de Março os donativos recebidos.

Esta Carta Pastoral será remettida a todos os Reverendos Parochos para a lêrem á Estação da Missa Conventual no primeiro dia depois de recebida, darem conhecimento aos seus parochianos da quantia por elles offerta-da, segundo a verba da conta geral junta, e os certificarem de que, em nome de Sua Santidade e no Nosso, impleramos a Benção de Deus Nosso Senhor para todos elles.

Dada no Porto e Paço Episcopal sob Nosso Signal e Sello de Nossas Armas aos 15 de Novembro de 1897.



Americo,

CADEAL BISPO DO PORTO

O Secretario,

Conego Manuel José Gonçalves Corrêa e Sá

SECÇÃO CRITICA

Lourdes em presença

NA GRUTA

7.^a Visita

QUEM nos dera lá em nosso caro Portugal uma romaria, como esta de Lourdes, em presença, e á vista de nós todos portuguezes aqui tão presentes! Regalia como esta não ha, não, cá no mundo. E' forçoso repetir:

«Neste logar santo,
De summa alegria,
Seja nosso encanto
A Virgem Maria.»

Eis o melhor laço da caridade verdadeira entre os homens,—o encanto da sociedade. A modestia por excellencia, Maria é a honra da Religião,—ornamento das virtudes todas que no mundo houver, é o reflexo da divindade.

E aqui não ha dôres, afflicções do espirito. Parece-nos o céu na terra. Somos aqui felizes todos. Aqui nem fados

nem fadinhos; nem fados velhos, nem fados novos aqui se denotam. Nem um risinho só alvar, ou escarninho. Tantos presbyteros e até Bispos á mistura com este bom povo é um espectáculo deslumbrante.

Creio que tambem se veria tudo isto em Portugal se acaso as congruas fossem pagas todas pelo thesouro e os benesses parochiaes, como Julio Vilhena disse.

Veriamos então um clero e povo á nobre feliz altura.

Dizia uma qualquer mulhersinha quando chegámos á estação: Nossa Senhora como ha de permittir que nos tirem assim tanto dinheiro?!

—A Virgem não ha de fazer tudo, respondi; attende á Virgem e não corras... Como é preciso depositar a maior confiança em Deus, tambem não podemos desprezar os meios humanos, que seria tentar a Deus, o qual permite recursos a todos, conforme nossa confiança em seu poder e bondade. N'este sentido se diz que ninguem é pobre senão de juizo.

Fiados na nossa fé de todos, aqui fizeram seus grandissimos estabelecimentos; agora pagamos nossas commodidades, e serviços d'elles. A Virgem lá nos attende a todos, conforme o interior de cada um. E findei.

O peor é a campanha da muita difamação em Portugal; pois até muitissimos indisciplinados que vivem da nação, que lhes paga, coherentes em incoherencias, desacreditam esta—o estabelecimento, como se costuma dizer.

Tambem não é difficil encontrar uma qualquer auctoridadesinha, que pediu muitissimo para o ser, propagando e affirmando que não paga congruas, porque não vae á missa!! E um qualquer moleiro, aviltador, maltrapilho, etc. a envilecer os reverendos padres, e a dizer que tambem reza e que ninguem lhe paga, sabendo que não ha quem não tenha devoção, que nem toda e qualquer mão toca o calix, sendo elle consagrado. Se nos falta o respeito, acaba-nos tudo. E' por isso talvez que a Religião hoje parece-nos um desfazer de feiras: um padre que já é um benzedeiro para muitissima gente, nada mais! o poder do sacramento da ordem e da jurisdicção é tambem nada! Finalmente, um padre já é para muitissima gente um... sagrado. Isto entendem-no facilmente. Materia vasta, educação facilima...; e quem cá ficar que se arranje. Como dê o padre seu dinheiro, nada mais se precisa! Elle ha de pagar a quem dever, embora não lhe pague quem deve. Depressa, e mais depressa! O padre já está muito acostumado! Prompto.

E havemos de ter sempre o governo que merecermos. O padre compre li-

vros; o padre d'aldeia cante bem e leia. Um parochio escreva, trabalhe, leia; todavia: «A condução e enterramento dos mendigos, soldados e de todas as pessoas que não tiverem cem mil réis de renda, e como taes não houverem sido considerados no recenseamento eleitoral, terão enterramento gratuito. Reg. 8 d'outubro 1835, art. 3.º». E por cima de tudo isto em ter de levar um trabalhão e abonar muitissimo para fazer-se um novo cemiterio na minha parochia nas melhores condições approvadas, a bastante mais d'um kilometro distante! Ninguem lhe agradece: tambem não ha distancia alguma para os infelizes parochos. E tão sómente lhes paga quem muito quer.

Desgraçada lei das *incongruas*; que outro nome ignoro como bem o pôde ter. E' temível! Antes nenhuma congrua. Não desmoralisaria tanto!

Deverá estar muito arrependido quem inventou uma lei assim: «Os ultimos arbitramentos feitos pelas respectivas juntas durarão enquanto por lei geral não fôr regulada a dotação do clero, art. 4.º da lei de 8 de novembro de 1841!» Até os generos de primeira necessidade teem mudado espantosamente para muitissimo peor, e ninguem d'isto se compadece. Parece que tudo se resente de tudo isto, e muitissimo, assim, mais.

Não ha outro meio: quem vae mal sempre muda; se, assim, não se muda fica peor, e cada vez mais. E' moda, hoje, não mudar em tudo isto de que venho fallando: pois *in puncto*, em um instante veremos o resto!!!

Virgem-Mãe-Immaculada, salvae-nos. Salvador-Jesus-Christo, grande, amavel, temível, livrae-nos de perigo.

Desine fatuari. Tambem nós dizemos a nossos contemporaneos: Não queiramos succumbir ás leis do fado.

A. S. F.

As missões

Euntis ergo docete omnes gentes ..

S. M. II. XXVIII. 19.

HA no mundo um homem, espirito de moralisação, verdadeiro exemplo da sociedade, com genio de propheta e coração de anjo. Não tem familia porque a deixou, mas vive no seio da familia que é a humanidade inteira, tendo por pae a Deus e por mãe a Igreja. Sua patria natalicia esqueceu-a, por isso em toda a parte se considera como n'uma patria adoptiva. Não tem fortuna, nem tem despeza; sua fortuna é o obulo caritativo de seus

irmãos, sua despeza quotiliana é a caridade para com o proximo.

Tal é o missionario. Homem abençoado de Deus Pae; eleito pelo Espirito Santo e continuador dos trabalhos de Deus Filho.

Prega em toda a parte o amor a Deus e ao proximo; isto é, a penitencia e a caridade. Vive mais nos sertões, do que nas cidades; por isso no meio das plagas asiaticas, africanas, nas ilhas oceanicas e por toda a America, seu rasto deixa um tanto de moralidade, que mais tarde se conhece, quando esse homem, muitas vezes victima do seu zelo deixa a terra, para ir descansar no seio do Eterno.

Missão divina! Anjo em carne, que conduzes ao caminho da salvação, homens tantas vezes perdidos n'esse mesmo caminho! O teu sol é o da Fé, a lua que de noite te fortalece é a Caridade. Segundo a ordem de Melchisedech, tu és o sacerdote para sempre, que enviado por Pedro e auxiliando-o com teu trabalho, ajudas a barca da Igreja a navegar no procelloso mar dos seculos, no meio das enormes vagas da descrença e da immoralidade, para que chegue triumphante á patria celestial.

Não ha penna que possa descrever, nem pincel que possa representar ao vivo esse quadro tão bello a que se chama missão.

Imaginae milhares de creaturas, ignorantes e rudes para os mysterios da religião santa de Jesus Christo.

Nasceram peccadores, e vivem escravos d'esse mesmo peccado de que não sabem fugir.

Quantos crimes se praticam, quantos escravos de seus crueis senhores, são feitos postas para regalar seus appetites?

Emfim quanta ignorancia e quanta necessidade de remedio? que digo eu? necessidade de remedio?!

Pois acaso haverá remedio para aquellas infelizes creaturas que vivem como feras indómitas nas florestas?

Sim, ha remedio.

Não o ignoreis, ó homens que governaes as nações cultas, não ignoreis que haja remedio para esse mal, que haja um antidoto para combater essa ignorancia e escassez de ideias que estão espalhadas por esse mundo alem. Acaso esses pobres seres, a que chamaes negros, são d'uma especie differente d'aquella, que se chama civilisada?

Mas como não venho aqui demonstrar scientificamente a unidade da especie humana, limito-me simplesmente a dizer, que os pobres indigenas de pelle negra, vermelha ou amarella, são homens como os brancos, irmãos no sangue, porque todos descendem d'um tronco unico, isto é de Adão e Eva.

Mas ha pouco fallei em remedio para

tirar da ignorancia essas pobres creaturas; e qual será esse remedio?

Acaso esses negros adoradores do demonio, poderão ser chamados á civilização e até ao progresso? Sim. Mandae missionarios catholicos, d'aquellas que no serviço da Egreja vestem batina e celebram o Santo Sacrificio e reparae não sejam d'uns que só têm a Biblia; mas que Biblia? Santo Deus, só Luthero e Calvino o sabem!

Mandae portanto missionarios, deixae-os ir, não vos dê cuidado com o seu vestido, nem com o seu alimento, porque o bom Deus, que veste e alimenta as avesinhas do Ceu, tambem os alimentará e vestirá.

E depois qual é o resultado?

O tempo o mostrará. Esses que são tão guerreados, e que se chamam victimas de Pombaes e Aguiares, começam por procurar os indigenas nas suas cubatas, ensinam-os a ler, ensinam-lhes os principios da religião e assim a pouco e pouco vão desbravando n'aquellas almas tão ignorantes, de fórma a tornal-os homens que conheçam o verdadeiro Deus, que o amem, que o adorem, enfim homens que talvez mais tarde possam ser missionarios que evangelisem e moralisem seus proprios irmãos.

E' para isto que são precisos os missionarios.

E com o fim de salvar tantas almas perdidas, que em varias epochas têm apparecido homens zelosos pela humanidade, que, apezar das difficuldades que muitas vezes se lhes apresentam, têm fundado essas sociedades de missionarios que instruidos nas sciencias divinas e humanas e guiados pela luz da fé, se espalham pelo mundo todo, ensinando, prégando, catechizando e até tratando nos hospitaes os doentes, com o carinho que só uma mãe lhe podia dispensar, e muitas vezes recebendo como premio, na terra, a morte; mas no Ceu seu premio será enorme, porque a Bemaventurança Eterna na presença de Deus é o premio que o Senhor concede aos seus escolhidos.

Angra do Heroísmo.

S. M.

SECÇÃO HISTORICA

Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus

(Continuado da pag. 255)

CCXCV

P. José Quiroga

ESTE illustre missionario da Companhia de Jesus foi uma das gran-

des glorias da Hespanha, sua patria, no seculo XVIII. Descendente d'uma familia nobre, ainda mais se nobilitou por suas virtudes, trabalhos apostolicos e por sua sciencia.

Nasceu José Quiroga na cidade de Lugo (Galliza) a 14 de março de 1707. Sendo ainda joven, abandonou todas as grandezas da casa paterna para entrar na Ordem de Santo Ignacio.

Já se vê que este passo, dado por um menino, tinha por unico motor uma irresistivel vocação religiosa, e por isso devia produzir um verdadeiro religioso, um varão eminente em obras e palavradas.

Podia o seu acto ser indiscreto, temerario, filho de entusiasmo juvenil. Mas realmente não foi. O futuro mostrou exuberantemente que foi pensamento bem meditado, inspiração do ceu.

Uma vez alistado na milicia da Companhia, que era então, como sempre foi, um exercito de santos e sabios, o P. Quiroga dedicou-se do coração a servir a Deus, á Egreja e ao proximo, seguindo as regras do seu santo instituto.

Este jesuita concluiu os seus estudos theologicos e philosophicos com grande reputação, e começou logo a ser conhecido como um sabio consummado. Distinguiu-se sobretudo nas mathematicas, sendo por este motivo muito estimado dos homens do seu tempo, de mais fama n'esta sciencia.

Antes de passar adeante, notarei que um auctor celebre do presente seculo, já fallecido, escreveu sem córar que os jesuitas não tiveram um philosopho, um poeta, um orador, um historiador, um sabio mesmo da primeira ordem! Quando escreveu isto já era de avanzada idade.

E' escusado dizer que mentiu com quantos dentes *ainda* tinha na bocca. A Companhia de Jesus produziu muitos e muitos sabios consummados em varias sciencias, como temos visto, e veremos.

O P. Quiroga foi um sabio, e nas mathematicas levou a palma a outros muitos. Foi admittido na eschola da marinha fazendo muitas viagens pelo mar.

Mas este não era o seu fim: a sua vocação era prégar o Evangelho aos povos barbaros. N'este intuito sollicitou dos seus superiores a devida licença para se dirigir á America, onde foi zeloso missionario.

De volta á Europa, partiu para Roma, e ahí expoz o estado das missões do Paraguay, que tanto deve aos jesuitas.

N'este meio tempo é extincta a Companhia de Jesus, como todos sabem, p r tramas dos philosophos incredulos e jansenistas. Então o P. José Quiroga

fixou o seu domicilio em Bolonha, continuando sempre nos seus estudos e no exercicio das virtudes.

Falleceu n'aquella cidade a 23 de outubro de 1784. Deixou varias obras sobre materia pertencente á marinha e á navegação.

O P. de Charlevaix falla d'elle com grande honra na sua *Historia do Paraguay*.

(Continúa.)

PADRE JOÃO VIEIRA NEVES CASTRO DA CRUZ.

Memoria sobre a instituição, reforma e restauração do Seminario episcopal de Lamego.

POUCO depois do meado do seculo XVI, o Bispo da Diocese de Lamego D. Manuel de Noronha fundou nos claustros da Sé, que haviam sido começados pelo seu predecessor, a capella de S. Nicolau, que dotou com dizimos e rendas sufficientes para sustentar certo numero de capellães, que n'ella celebrassem missas e officios, e confiou a administração de seus rendimentos a uma dignidade da cathedral.

O mesmo Prelado em seu testamento datado de 21 de setembro de 1569 determinou que, á custa de sua herança, se edificasse um Collegio, em que residissem os ditos Capellães e n'elle ensinassem a Moral, o Cantochoão, e as Cerimonias. Eis aqui os primordios do Seminario Lamecense, que assim durou até 1789.

Então o Bispo D. João Antonio Binnet Pincio, com os fundos d'este Collegio, erigiu um Seminario mais capaz de satisfazer os piedosos intentos dos Padres do Concilio de Trento, exarados na sessão 23.^a cap. 18.

Para esta reforma obteve a competente auctorisação apostolica pela Bulla de Pio VI datada de 18 de abril de 1788, á qual D. Maria I concedeu o regio beneplacito de 15 de janeiro de 1789.

Reduziu, pois, o dito Prelado o numero dos capellães e os uniu ao côro da cathedral a cujo cabido entregou os dizimos do antigo collegio com a obrigação d'elle cumprir os encargos pios da instituição da capella de S. Nicolau (1).

Com os outros fundos e rendimentos do Collegio, creou no Seminario as cadeiras de Theologia dogmatica, Moral,

(1) O Cabido recebeu o encargo com a condição, porém, de que, se em algum tempo, faltassem os dizimos, ficava excoerado de semelhante encargo.

Historia Ecclesiastica, e Instituições Canonicas, Musica e Cantochão, segundo se vê dos Estatutos datados de 13 de dezembro de 1800.

Estas aulas abriram-se, com effeito, em 10 de dezembro de 1807 e constituíram d'ahi em diante um Curso triennial para os ordinandos.

Os fundos e rendas do novo Seminario foram confiados, não já, como no tempo do antigo Collegio, a uma dignidade da Sé, mas ao Vice-Reitor do Seminario, e a inspecção e fiscalisação superior era reservada para o mesmo Prelado; o que equivalia a ser exercido por este o logar de Reitor.

Assim se conservaram as cousas até 1834, anno em que o respectivo edificio foi pasto das chammas.

Então a suppressão dos dizimos veio causar grande prejuizo ao Seminario, pois com elles é que o Cabido satisfazia aos legados pios da capella de S. Nicolau, que voltaram a fazer carga aos redditos do Seminario, que o seu instituidor tinha onerado. A este mal veio juntar-se um tão grave que, durante 25 annos, tornou quasi nullo este estabelecimento de educação ecclesiastica. Na noite de 11 para 12 de maio do dito anno de 1834, um temeroso incendio reduzia a cinzas o edificio do Seminario.

Este conjuncto de circumstancias e a difficuldade na cobrança dos juros dos capitaes, unico rendimento do Seminario, fizeram com que só podesse subsistir uma aula de Curso Superior — a de Moral — e esta mesmo teve de funcionar no Paço Episcopal, á falta de edificio proprio, e assim continuou este estado até 1844. Então, um virtuoso e esclarecido Prelado, o snr. D. José de Moura Coutinho veio presidir aos destinos da Igreja lamecense. Contristavam-no o estado em que se achava o Seminario, e os poucos meios de instrução que havia para os ordinandos, e as difficuldades financeiras do mesmo estabelecimento, que não prometiam melhorar.

Comtudo, melhorando um pouco as cousas, uma commissão por elle nomeada em 4 de setembro de 1850 para o coadjuvar no arranjo dos meios necessarios para a reedificação do Seminario, ha tanto tempo por elle meditada, procurou activar a cobrança dos juros vencidos, e tão bem se desempenhou da tarefa economica que lhe fôra commettida, que as obras de reedificação começaram em 31 de maio de 1853, e já em 6 de novembro de 1854 foram inauguradas as novas aulas por se achar acabada uma parte do edificio que se tratava de reedificar e haver já meios sufficientes para se pagar a 4 professores que regessem as cadeiras creadas na reforma do Bispo D. João B. Pincio.

Esta inauguração foi solemnissima, assistindo o Prelado, Cabido, e varios personagens, corpo docente etc. recitando por essa occasião o distincto professor de latinidade snr. João Teixeira de Mesquita o seguinte bello soneto:

Nos laços sociaes lançar doçura,
Do noctar horrifur util verdade,
Sustentar o respeito á divindade,
Promoer da Religião a sã cultura:

Eis os bons preciosos que a abertura
Do Seminario outhorga á Mocidade...
Mil graças do Coutinho á probidade,
Que do Clero a instrução quer e procura.
E' mais brilhante, pois, a sua gloria
Que a do flagello da Asia, a quem de ingente
O titulo concede a iniqua Historia.

Este, o mundo assolou qual raio ardente,
Moura, com esta acção d'alta memoria,
Melhora a condição da humana gente.

O notavel poeta dr. Antonio Zagallo tambem dedicou á festa a seguinte quadra:

Este edificio, que fôo pasto ás chammas,
Resurgiu mais nobre e abrilhantado;
Desta renovação pertence a gloria
Ao grande Moura, ao optimo Prelado.

Finalmente, os incessantes esforços da commissão e os generosos emprestimos de dinheiro feitos pelo mesmo Bispo D. José de M. Coutinho, (de cuja avultada divida seus sobrinhos generosamente desistiram a favor do Seminario) completaram a reedificação do mesmo, que se abriu em 7 de novembro de 1859, admittindo-se logo 6 alumnos gratuitos, escolhidos d'entre os estudantes pobres mais estudiosos e talentosos.

O sabio e virtuoso Prelado encarregou com todo o acerto o regimen disciplinar e moral dos alumnos do Seminario ao Vice-Reitor, então nomeado, rev. Placido Augusto de Moura e Vasconcellos, hoje Arcypreste da Sé, e a administração da fazenda continuou a cargo do antigo gerente.

O espaço de 1 anno, porém, foi bastante para o digno Prelado se convencer de que não era conveniente dentro do mesmo edificio haver dois gerentes — um de disciplina e outro das economias, addicionando ao estatuto, pois, que o Vice-Reitor fosse o unico superintendente e delegado do Prelado para todos os negocios internos do Seminario, ficando a cargo do antigo gerente da fazenda a administração externa do mesmo Seminario, sob a immediata fiscalisação do Prelado, devendo o mesmo administrador prestar mensalmente as contas á commissão, composta do Vice-Reitor, prefeitos, e professores das sciencias ecclesiasticas no Seminario, sob a presidencia do mesmo Prelado.

Em 19 de setembro de 1862, por

ordem superior, foi o Vice-Reitor investido de todas as attribuições administrativas do Seminario (internas e externas) creando-se o logar d'um cartorario que, debaixo de sua dependencia, e inspecção, prestasse o serviço que n'essa qualidade lhe competisse ou fosse distribuido.

Em 31 de outubro do mesmo anno de 1862, entrou o Vice-Reitor effectivamente na posse de toda a administração do Seminario e tão bem se desempenhou que a Junta da Bulla da Cruzada logo no relatorio de primeiro anno de sua administração, dirigido ao Chefe do Estado, se exprime da maneira a mais lisongeira com respeito ao mesmo Seminario, como se vê do seguinte:

«Pelo mappa da receita e da despesa, e pelo relatorio, que o acompanha, se deprehende o melhoramento importantissimo que se obteve no ultimo anno com a junção da administração externa dos fundos do Seminario á administração interna. Nos mappas dos precedentes annos via-se, não só o augmento progressivo da divida passiva, mas tambem, a par d'essa divida, e do *constante deficit*, a morosidade na cobrança das importantes sommas da divida activa. Hoje, graças aos esforços e acertada prudencia da nova administração, o Seminario *já não tem credores*, e, em logar do *deficit*, apparece um *saldo de 1:117,5178 réis*. Tal foi o resultado obtido pela união das administrações externa e interna debaixo da vigilancia e fiscalisação do actual vice-reitor desde novembro de 1862.»

(*Diario de Lisboa*, de 23 de julho de 1864).

O ultimo fallecido Bispo snr. D. Antonio da Trindade Vasconcellos Pereira de Mello que, a 12 de maio de 1864, assumiu pessoalmente o governo do Bispoato (cuja posse havia tomado, por procuração, em 11 do p. preterito fevereiro) em outubro d'esse anno, achou-se habilitado, pelo cofre da Administração do Seminario, a augmentar o pessoal do professorado, e os seus vencimentos que, na verdade, eram minguados; nomeando mais 3 professores com o ordenado annual de 200,5000 réis cada um, que, com os 4 existentes, regeram o curso triennial de 9 cadeiras, creando-se, por consequente, 3 cadeiras novas — Historia Sagrada e Ecclesiastica, Direito Natural, Hermeneutica e Eloquencia Sagrada.

Pouco tempo depois, foi arbitrado a cada um dos professores o ordenado de 250,5000 réis.

Este digno Prelado reduziu os legados pios, que encontrou no acto da sua posse, fazendo respeitar a primitiva instituição que estabelecia que não eram



A NATIVIDADE DE NOSSO SENHOR

dez, mas seis os officios, com a assistencia do corpo capitular e capellães, ficando a receber cada capitular réis 3\$600 e cada capellão 2\$400 réis pela assistencia aos referidos officios (1).

Não obstante, porém, o augmento do numero de professores e de seus ordenados, a administração do Seminario, sempre illustradissima, honesta e previdente, foi elevando o numero dos alumnos gratuitos progressivamente de 6 a 9, de 9 a 12, de 12 a 15, de 15 a 20, de 20 a 25, de 25 a 33, de 33 a 50, de 50 a 60, e em 1888, anno em que o illustrado gerente da administra-

ção desistiu da mesma, sustentou o Seminario 54 gratuitos, e 34 semi-gratuitos, o que equivale a 71 gratuitos, deixando ainda o mesmo digno Vice-Reitor no cofre respectivo um saldo para despesas de 4:301\$674 réis, como consta do *Relatorio das Contas do Seminario* apresentado ao Chefe do Estado em 22 de novembro de 1888 e approvedo pela Portaria Régia de 14 de dezembro do mesmo anno. Como já dissemos, n'esta notavel e longa gerencia, que principiou em 1862, nunca o Seminario teve *deficit*, não obstante os progressivos melhoramentos já mencionados, as avultadas e importantes obras no edificio e cêrca respectiva, pelo que o illustre Vice-Reitor colheu, sempre ou quasi sempre, nos *Relatorios da Junta da Bulla da Cruzada*, durante a sua longa gerencia, os mais rasgados, mas justissimos e fundados elogios, como se vira já, por exemplo, no *Relatorio* de 17 de novembro de 1887, no

penultimo anno da sua gerencia, publicado no *Dario do Governo*, onde se lêem as seguintes palavras: «Ao grande numero de alumnos, mais do que se esperava, entrados n'este instituto, que com as suas mezadas, vieram avolumar as receitas, não menos que a uma boa administração economica, e tambem á cobrança de juros atrazados, se deve tão auspicioso estado da fazenda, que, como consequencia necessaria, trouxe igualmente augmento na despesa, na verba de impostos, refeitório, obras e reparos, etc.»

Muito concorreu tambem para esta desafogada e prospera situação a superior direcção desvelada do finado Bispo D. Antonio da Trindade de Vasconcellos Pereira de Mello, que governou a Diocese desde 1834 até 19 de Novembro de 1895, dia em que lhe succedeu na cadeira episcopal o actual Prelado, notabilissimo pela sua elevada intelligencia, e raras virtudes, sr. D.

(1) Estes mesmos officios, em 1889 foram reduzidos a um só officio e os capellães cantores que eram 6, reduzidos a 3 pelo Arcebispo de Larissa, então governador do Bispado na qualidade de coadjutor do fallecido Bispo D. Antonio da Trindade de Vasconcellos Pereira de Mello, coadjutor que foi desde Maio de 1887 até Junho de 1890.

Antonio Thomaz da Silva Leitão e Castro, coadjutor desde 28 de outubro de 1891, e successor desde 19 de novembro de 1896 cujo governo, por factos de indiscutível alcance, se vê que ha-de ser, por todos os titulos, digno dos mais luzidos e conscienciosos de que ha memoria na Diocese de Lamego, como, relativamente ao Seminario, já se confirma pela confecção dos estatutos d'aquelle estabelecimento, em que s. ex.^a trabalha com todo o interesse e zelo.

SECÇÃO LITTERARIA

O NATAL DE JESUS

(INEDITA)

I

Jesus nasceu! Exulta a humanidade,
por que já viu a luz
de uma aurora feliz de liberdade,
que brilhará na Cruz!

Jesus nasceu! Em nossa fantasia
corramos a Bethlem
Lá veremos o Filho de Maria,
sorrindo à Virgem Mãe!

Jesus nasceu! Da redempção a aurora
já se pôde antever.
Já os povos sorriem! Se alguém chora,
é de intimo prazer!

Corramos, pois, a vêr com humildade
essa flôr de Jes:é,
que já fórma, na terra, uma Trindade
com Maria e José!

São Maria e José os peregrinos,
que ninguém hospedou.
Vão cumprir em Bethlem altos destinos,
que o Ceu lhes decretou!

A's ordens de um edicto obedecendo,
em Bethlem já estão.
E de frio e de fome estão gemendo,
mas com resignação!

II

A noite chega! E n'um tugurio pobre
se foram recolher.
E, em quanto a noite alto mysterio encobre,
Jesus pôde nascer!

Jesus nasceu! E já da Divindade
se vê brilhar a luz.
E já por isso exulta a humanidade,
adorando Jesus!

A visital-o correm os pastores,
que choram de prazer,
por que, na frente de Jesus, fulgores
divinos podem vêr!

E Jesus, n'umas palhas reclinado,
outro abrigo não tem,
mais que o seio, tão puro e dedicado,
de sua toraa Mãe!

N'esse humilde presepio ha só pobreza,
andrajos, frio e dôr.
Reconnaçido, soffre tal crueza
do mundo o Redemptor!

O presepio, Senhor! Triste morada
tu tiveste ao nascer!
O' Jesus, tua vida attribulada
já começou a ser!

Mas, no Ceu, que belleza, que a'egria
e canticos de amor!
Não escutaes, ó povos, a harmonia
dos Anjos do Senhor?

Elles entoam «Gloria nas alturas
ao Pae, que já mandou
o Filho resgatar as creaturas,
a quem a paz baixou.»

III

E a Virgem-Mãe, nos braços sustentando
o Filho, terra flôr,
sorrindo, meigamente o está beijando
com respeitoso amor!

Ella olhou para o Filho! E, n'esse instante,
um Rei e um Deus já viu!
Respeita o : eul! Respeita o tenro Infante!
Mas... era mãe! Sorriu!

Pae na terra, José, todo amoroso,
ante Elle ajoelhou.
Vê o Filho do Eterno e, respeitoso,
sorrindo-se, O beijou!

O edicto de Cezar encerrava
do Ceu alta missão!
E' ditosa Bethlem! Ali brilhava
o sol da Redempção!

Tambem n'aquella noite humida e fria
uma estrella brilhou.
— E, onde repouza o Filho de Maria,
aos Magos indicou—

E os Magos vem das partes do Oriente.
Jesus vem adorar.
A myrrha, o incenso e o ouro humildemente
aos pés Lhe vão lançar.

IV

Não vamos ao presepio, mas ao templo
não deixaremos de ir.
Amemos de Jesus o humilde exemplo,
que devemos seguir!

Ao Ceu os povos mandam, n'este dia,
um canto festival.
Quem não saudará com alegria
o dia de Natal?

Em fraternal convivio, puros crentes
um santo amplexo dão,
com as suas familias e parentes
na mais grata união!

V

Agora vão cumprir-se as prophcias.
Póde o mundo exultar!
Do mundo o desejado, eis o Messias!
E' Christol! Vem reinar!

Vem reinar! Mas terá sceptro amoroso!
Terá, por throno, a Cruz!
De todos, ha de ser Pae carinhoso.
Sua doutrina, a luz!

Ha de acolher as tenras criancinhas
com ternuras e amor,
como um bando de implumes avesinhas,
a que falta o calor!

Ha de, humilde, assombrar o mundo inteiro.
Ha de quebrar grilhões
do mais pesado e austero captivo,
reinar nos corações!

Ha de enchugar o pranto aos desditosos
e dará o perdão
a quem mostrar, nos olhos lacrimosos,
dos erros contrição!

Ha de morrer por toda a humanidade.
Povos, louvae Jesus!
Respeitao o poder da Divindade!
Vae triumphar a Cruz!

Entoemos, ó povos, n'este dia,
um canto festival!
Para os crentes é de intima alegria
a festa do Natal!

(Aveiro.)

RANGEL DE QUADROS.

A' MORTE DE MEU PAE

(16 de Março de 1865)

Estou orphão de pae... Eis realidade
Meu longo, penosissimo receio!
Já não palpita aquelle amado seio,
Que abrigou minha infancia e mocidade!

Da sciencia contra o oraculo tremendo,
Eu forcejara por manter a esp'rança,
Visse embora no inferno em trega alliança
Fundo quebranto com martyrio horrendo!

Desengano fatal que me tortura!
Ah! pae querido, tu bem presentias,
Mesto, mas resignado, a sepultura,

Quando, com voz já debil, descrevias
Melancholicamente o t.u supplicio,
No teu ultimo e triste natalicio: (!)

«Dez lustros e tres annos! São tres annos
Já sobre meio seculo!... Eis-me á beira
Da fria sepultura, e fóra asneira
Crer que eterno seria entre os humanos.

«Aborrecem-me já gosos mundanos,
Por que sempre nutri tanta cegueira;
E a vida, essa illusão doce e fagueira,
Agora é para mim valle de enganos.

«Os trabalhos, cuidados, soffrimentos,
Caçaram este corpo outr'ora forte,
Hoje alvo de terrificos tormentos!

«Enfada-me o viver, mas temo a morte!
De graça peço a Deus alguns momentos,
E depois venha embora o fatal corte!»

Foste gran peccador, e compungido
Confessaste-o com torna singoleza (*):
Por maldade, por erro, por fraqueza,
Andaste nos vaivens do mal perdido.

(!) Em 12 de janeiro de 1865.

(*) Sua poesia «Meditação e supplica.»

Mas, das sendas da culpa na aspereza,
Nunca as luzes da crença has repellido;
E, por ellas guiado, arrependido
Te prostraste de Deus ante a grandeza.

Supplicaste perdão, piedade, auxilio
Para a perdida graça recobraras,
Antes de te findar da vida o exilio.

Do Ceo clemente os divinos olhares,
Que com tamanha dôr has invocado,
Certo sobre a tua alma se não baixado.

Aos furores do inverno resististe,
Como ao fero tufão fl-xivel canna;
Vislumbres de esperança inda sentiste,
Essa doce miragem da alma humana.

Como no ser o apago á vida é grande,
Como revivem, junto á morte, affectos,
Com que effusão teu coração se expande
Em futuros, alegres, vãos projectos!

Da natureza a formosura olhando,
Do ambiente sentindo o odor suave,
Vendo o fulgor da cupula ceieste,

Acordaste o alaude doce e brando,
E em maviosa, quasi extincta clave,
Soltaste o ultimo carne, que foi este: (*)

«Já sôa pelo espaço o doce canto
Da caudida, formosa primavera;
Mais claro o sol percorre a vasta esphera,
E derrama na terra um mago encanto.

«Sabindo do torpor, mortal quebranto,
A natureza a vida recupera;
O penetrante frio se n'odera;
Tapeta o campo de verdura um manto.

«A arvore ja borbulha, já florece;
Franqueta o cofre sem fecundidade,
Que milhões de thesouros offerece.

«Salve, leda estação! salve, baldade!
Oh! feliz quem te em paz gozar possode,
Livre da minha atroz infernidade!»

Tu não podeste!... Rabida procella
Não só na estação gelida rebata:
A meude enturva a mais serena e bella,
E só de ruina e morte se contenta.

Não era longa ainda a viagem tua,
Mas, por mal norteada, trabalhosa;
D'aquellas em que a força se exteou,
Em que se esvae a vida pressurosa.

Eis que surge a torment.: arca por arca
Ja não luctas, teu peito já desmaia,
Que o seu furor todo o teu ser abarca.

Como já gasta, quebradiça alfafa,
Aqui prostrou-te o corpo,—a tua barca,—
A alma lançou da eternidade á praia!...

Quando, beijando a tua mão gelada,
Te disse, ó pae, o meu adeus postremo,
A face em grossas lagrimas banhada,
O peito anciado n'um pezar extremo,

A angustia minha foi cruel e amara,
Meu desalento esmagador, profundo:
Mortal fóra, se a fé não me affirmara
Que não termina tudo n'este mundo.

(*) Este soneto foi com effeito o seu derradeiro suspiro poetico.

Bem dita a religião beneficente,
Que o espirito immortal sobrevivente,
Nos amostra, á materia inerte e bruta!

Só ella é balsamo ás maiores dôres,
Pois nos promette eternos resplandores
Apoz a morte, que a alma nos enlucta.

A. MOREIRA BELLO.

SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

RECEBEMOS o fasciulo n.º 6 do *Catecismo de Perseverança*, do Padre J. Gaume, que o benemerito editor catholico, sr. Antonio Dourado, está publicando. No mez de janeiro ficará concluido o primeiro volume. A publicação, como se vê, está sendo feita com toda a regularidade.

Não nos cançamos d'encarecer esta obra e de a recommendar aos nossos leitores. E a sua aquisição é agora facil, aos fasciulos, pagos de cinco em cinco. Concluida a obra, o preço será elevado.

SECÇÃO ILLUSTRADA

Interior da synagoga

(Vid. pag. 283)

CHEGADO o dia de sabbado, Jesus dirigiu-se á synagoga de Nazareth. Já havia mais de dois annos que o seu nome era celebrado na Judéa e Galiléa. Os seus compatriotas habitantes de Nazareth, não podiam ignorar todas as maravilhas que elle tinha obrado em Caná, em Capharnaum, no lago de Tiberiades e em todos os paizes visinhos. Acabavam de presenciar a cura dos dois cegos e o livramento do mudo que elle tinha curado diante de todos.

Quando tomou a palavra na synagoga, todos ficaram espantados da profundidade e sabedoria da sua doutrina. Mas em vez de n'elle reconhecerem o Filho de Deus, patentearam a mesma admiração que no anno anterior e tornaram a perguntar uns aos outros: «D'onde lhe vêm todas estas cousas? Que sabedoria é esta que lhe foi dada? Como succedem taes maravilhas por suas mãos? Este não é o filho do carpinteiro? Não se chama a mãe d'elle Maria? Não estão aqui entre nós os seus parentes Thiago, José, Simão e Judas?»

Ouvindo Jesus todas estas reflexões estupidas ácerca da humildade do seu nascimento, e da obscuridade da sua condição, e vendo que os seus compatriotas tiravam de todos estes factos uma consequencia diametralmente opposta á que devia naturalmente apre-

sentar-se, disse-lhes: «Um propheta só deixa de ser honrado na sua terra, na sua casa; e entre os seus parentes.» E não quiz fazer muitos mais milagres entre elles; e sarou sómente um pequeno numero de doentes a quem curou impondo-lhes as mãos, porque os prodigios que obrasse serviriam sómente para augmentar a sua incredulidade.

*
*
*

A Natividade de Nosso Senhor

(Vid. pag. 289)

Jesus nasceu em Bethlem, cidade da Judá, da gloriosa Virgem Maria, no anno da criação do homem 5199; depois do diluvio 2957; do nascimento d'Abrahão 2015; da sahida dos israelitas do Egypto sob o commando de Moysés 1510; desde que David foi escolhido e consagrado rei 1032; na semana 65 segundo a prophecia de Daniel; na olympiada 194; no anno da fundação de Roma 752; no anno 42 do imperio de Octaviano Augusto.

Por serem muito conhecidos o nascimento e vida de Jesus Christo, abste-mo-nos de os resumir agora.

RETROSPECTO

Indulgencias

A pedido do rev. Guilherme Pifferó, Bispo de Perfiro, Sua Santidade dignou-se conceder, em 7 de setembro ultimo, uma indulgencia plenaria a todos os fieis que, na primeira sexta-feira de cada mez, ainda que não pertençam á Associação do Sagrado Coração de Jesus, confessando-se e commungando, meditem algum tempo sobre a infinita bondade do Sagrado Coração de Jesus e orem segundo a intenção do Soberano Pontifice.

Sua Santidade concedeu tambem, na mesma data, uma indulgencia parcial de sete annos e sete quarentenas nas outras sextas-feiras de cada mez.

As Ordens religiosas na Noruega

O parlamento norueguez acaba de votar uma lei muito importante. Esta lei revoga a que ha tres seculos implantou o protestantismo e estabelece as ordens religiosas no reino.

Emquanto o rei não ratifica a nova lei, as ordens religiosas poderão voltar áquelle paiz. E' indubitavel a approvação do rei.

Preoccupações dos impios

E' verdadeiramente para rir a incoherencia, as tolices e ninharias que occorrem aos impios em materia de religião.

Elles não crêem, ou fingem não crêr, nas verdades da religião catholica, apostolica, romana, e não obstante servem-se d'ella para se consorciarem, para baptizarem os seus filhos e para ainda fazerem parte das suas congregações.

Odeiam a Egreja, e todo o seu afan é saber o que corre n'ella, e não ha coisa que mais os interesse do que saber se o Papa está enfermo ou bom de saude, se os Bispos operam bem ou mal, e se os catholicos se reúnem para effectuar manifestações religiosas ou deliberam em congressos para defeza da sua fé.

Não querem confessar-se, fogem do adoravel Sacramento da Eucharistia; mas não se oppõem, antes desejam que estes Sacramentos sejam recebidos pelos seus filhos e domesticos.

Clamam contra a superstição e fanatismo dos catholicos, e muitos d'elles descem a inscrever-se nas seitas impias, e para merecerem uma protecção illusoria, submettem-se a ceremonias em extremo ridiculas e até ascorosas.

Proclamam-se defensores da liberdade, e são os primeiros a combater a sangue e fogo os que não pensam como elles, e teem já por habito appellar para a mentira, a calunnia, os insultos mais grosseiros e as traições hypocritas e ignobeis com o fim de desacreditar os catholicos e fazel-os emudecer.

Dizem-se protectores dos necessitados e da classe pobre, e a sua protecção é o egoismo mais vil, porque se alguma protecção dispensam é... para que o povo os auxilie nas suas pretensões; mas uma vez conseguidos os seus propositos, desdenham do pobre e voltam-lhe as costas, e se se trata de enfermos e sobretudo de contagiosos? ah! então não ha protecção que valha e a decantada philantropia torna-se um mytho e não ha mais actividade senão para fugir e fugir para muito longe, porque uma alma sem crenças religiosas, não tem mais Deus, nem mais proximo que o amor de si mesma.

Triste condição a dos impios!

Julgam-se felizes vivendo sem fé, e isso mesmo os faz viver agitados, ca-

vilosos e em continuo sobresalto, por mais que queiram mostrar o contrario.

Um rei mendigo

No dia seguinte ao da chegada ao Senegal do ministro francez das colonias, o snr. Lebon, falleceu no hospital de S. Luiz, Dinah Salifon, o celebre rei de Nalons. Esteve em Paris a visitar a exposição universal de 1859, onde foi bastante obsequiado pelo governo da republica franceza, e foi bem recebido por todas as classes sociaes. O governo francez fez todo o possivel por ganhar as sympathias do rei Dinah. Mas apenas sua magestade régia regressou ao Senegal, principiou a conspirar de tal modo contra os francezes, procurando a destruição das suas colonias africanas, que o governo da republica viu-se obrigado a enviar contra elle uma expedição, que não tardou a apoderar-se da sua capital, reduzindo Dinah á categoria de rei desthronado. Foi-lhe dada uma pensão, que os ministros francezes cercearam a tal ponto, que o antigo monarcha dos Malus morreu n'um hospital como o mais miseravel de seus subditos. No dia anterior ao da sua morte sollicitou uma audiencia ao snr. Lebon, que se negou a conceder-lh'a.

Contra a mendicidade

O Circulo da União Mercantil de Madrid, reuniu-se ha dias e resolveu secundar os esforços das auctoridades para terminar com a mendicidade n'aquella cidade.

Para este fim foi approvada uma proposta para se auxiliar o governador civil com todos os recursos que se achem ao alcance do commercio e da industria para o estabelecimento de asylos destinados ás pessoas necessitadas.

A ideia é excellente e digna dos nossos parabens.

Lição aproveitavel

Um jornal americano teve o bom humor de mandar um reporter aos personagens mais opulentos do seu paiz para estudar as vantagens da riqueza.

O snr. Pulimam declarou que para

considerar-se rico é preciso possuir-se pelo menos dez mil contos de réis, mas que tal fortuna não obsta ás inquietações e desgostos annexos á vida.

O snr. Mackay, proprietario da mina de ouro da California, surpreendeu-se muito de que possa crêr-se que a felicidade está na riqueza. Declarou que foi bastante feliz emquanto pobre; mas agora, que é millionario, julga-se muito menos feliz.

O snr. Rockefeller, chamado o rei do petroleo, cuja fortuna é calculada em 160 mil contos de réis, disse que as riquezas avivam a sede de possuir mais e mais e que o pensamento incessante de augmentar e solidificar a sua fortuna amargura todos os seus prazeres.

Outros opulentos manifestaram, todos unanimes e com a mesma espontaneidade, identicos sentimentos.

Como ninguem disputará a estes senhores a sua competencia na materia, fica mais uma vez comprovada a exactidão da vetusta sentença: é verdadeiramente rico quem nada deseja e se contenta com o que possui.

SECÇÃO ADMINISTRATIVA

EXPEDIENTE

Com o presente numero termina o anno de 1897. Aos dignos assignantes, que ainda o não satisfizeram, pedimos a especial fineza de se apressarem a fazel-o para nos habilitarem a satisfazer os compromissos que temos contratado para a publicação regular do *Progresso Catholico*.

Aos que devem mais d'um anno (e, infelizmente, não são poucos) pedimos, por maioria de razão, que nos enviem sem demora os seus debitos.

Esperamos ser attendidos, porque o pedido é justo.

O ADMINISTRADOR,

Vicente Fructuoso da Fonseca.

● PROGRESSO CATHOLICO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE CADA MEZ

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Continente portuguez e Hespanha, 80) réis—Ilhas, o mesmo preço, sendo feito o pagamento em moeda equivalente á do continente
Provincias ultramarinas e paizes da União Geral dos Correios, 13000 réis—Estados da India, China, e America, 13280 réis, moeda portugueza—
Numero avulso 100 réis

As assignaturas são pagas adiantadamente

O que se refira á redacção deve ser enviado a

Manuel Fructuoso da Fonseca, rua da Picaria, 74—PORTO.

O que se refira á administração (pagamento d'assignaturas, pedidos de livros, mudança de direcção, etc.) a

Vicente Fructuoso da Fonseca, na rua da Picaria 74—PORTO.

Typ. Catholica de José Fructuoso da Fonseca, rua da Picaria, 74—Porto